
**Cosmovisões lusitanas rasuradas : o jogo
paródico n’*O Kit de Sobrevivência do Descobridor
Português no Mundo Anticolonial***

*Erased Lusitanian worldviews: the parodic game in O Kit
de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo
Anticolonial*

Paulo Alberto Silva Sales
Instituto Federal Goiano

DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2023.n49a755>

RESUMO

Reflexão sobre as estratégias de composição da obra *O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial*, de Patrícia Lino, a partir da perspectiva da transcontextualização irônica presente na reescrita paródica. Examina-se como o jogo imagem/poema-piada desestrutura discursos preconceituosos e escancara pensamentos latentes no imaginário português sobre a (falsa) soberania do império em relação às ex-colônias. Destaca-se, por meio da recodificação irônica, a desconstrução de lugares de fala heteronormativos que revelam, além da homofobia, a misoginia, o racismo e a xenofobia.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia portuguesa contemporânea; Patrícia Lino; Paródia.

ABSTRACT

Reflection on the composition strategies of the work *O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial*, de Patrícia Lino, from the perspective of ironic transcontextualization made by parodic

rewriting. It examines how the image/poem-joke game disrupts prejudiced discourses and opens up latent thoughts in the Portuguese imaginary about the (false) sovereignty of the empire with regard to former colonies. It stands out, through ironic recoding, the deconstruction of heteronormative speech places that reveal, in addition to homophobia, misogyny, racism and xenophobia.

KEYWORDS: Contemporary Portuguese poetry; Patrícia Lino; Parody.

Há algo de evidentemente teatral em paródias como *O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial*. Rimos do homem que, recusando adaptar-se à realidade onde as (os) silenciadas(os) se fazem agora ouvir, insiste delirantemente em promover uma visão fetichista e artificial do processo de colonização e da estrutura colonial; como se, em cima de um palco, o homem chocasse com uma porta de vidro, caísse, reclamasse e voltasse chocar com a mesma estrutura, uma e outra vez — até culpar a porta. (LINO, 2021, p. 241).

Publicado pela primeira vez em 2020 no Brasil pela Edições Mauco, *O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial* é uma obra híbrida que expande os limites da escrita de poesia ao relacioná-la a outras artes. As construções intersemióticas se transformam em objetos rotineiros altamente cômicos e jocosos. Neles, tornam-se palpáveis diversas ideologias e pensamentos excludentes da maquinaria imperial lusitana que ainda perduram, no tempo presente, em discursos opressores. Propositalmente, nota-se, na configuração do objeto-livro de Patrícia Lino, a perspectiva polifônica e polissêmica de ideologia e vozes que foram desconsideradas durante todo o processo colonizador. Isso se inicia a partir do próprio título do livro. De origem inglesa, a palavra *Kit* comporta, no trabalho de Lino, um grupo de diferentes itens anticoloniais que agem tanto na perspectiva de um “antimanual” de instruções – que

ridiculariza lugares de fala facilmente reconhecidos pelos códigos recuperados, o que leva os leitores à desaprendizagem, à negação e à rasura dos significados sustentados por séculos –, quanto na associação ao verbete *kitsch* (termo de origem alemã derivado de *verkitsche*, cuja semântica está associada à estética do feio e de algo de valor ínfimo) que dessacraliza, por meio da comicidade e do riso, discursos eurocêntricos fascistas, machistas, puristas e racistas. Essas múltiplas possibilidades de leitura são sugeridas, também, pelo formato físico da primeira e da segunda edição, que sugerem a ideia de um catálogo de colecionador:

Imagem 01 – Primeira e segunda edições brasileiras da *Macondo d’O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial*.



Fonte: LINO (2020; 2022)

Os utensílios triviais catalogados geram estranheza nos leitores pela simplicidade com que são apresentados, principalmente por se assemelharem às quinquilharias de uso cotidiano e doméstico. Antes mesmo de começar a apresentá-los, tanto por meio das imagens quanto pela descrição de suas utilidades, Patrícia Lino traz,

na primeira página que os antecede, uma epígrafe de Adília Lopes¹ que reforça a ideia que aqui defendemos a respeito do jogo irônico e paródico estruturante de todo o *Kit*: “O meu sentido de humor é o meu sentido/ de amor sem ironia” (LINO, 2022, p. 7). Entretanto, diferentemente de Adília, na qual a ironia é percebida, muitas das vezes, por meio de escolhas lexicais e por jogos de palavras – principalmente ao escrever poemas em forma de trocadilhos² –, na poesia Lino o jogo irônico torna-se uma estratégia paródica transgressora e corrosiva que expõe a fragilidade de construções discursivas sobre o passado “glorioso” dos portugueses, sobretudo, relacionado às barbaridades e aos malefícios acometidos aos povos colonizados.

Nesses objetos mundanos, constata-se um hibridismo de formas e de discursos que se entrecruzam, a saber, por meio das artes visuais, de elementos do universo digital, da indústria cultural e da cultura *pop*. A forma híbrida e inespecífica (GARRAMUÑO, 2014) presente na construção de cada item do álbum revela as estratégias irônicas típicas da paródia, sobretudo, por meio de desvios nas apropriações de textualidades e na exposição de mentalidades conservadoras. Por meio da “repetição com diferença crítica” – tal como Linda Hutcheon (1985) reconhece como a principal marca da paródia no século XX – que “marca a diferença no coração da semelhança” (HURCHEON, 1985, p. 17), o hipertexto de Patrícia Lino possibilita a criação de novas realidades discursivas ao vasculhar fontes históricas, políticas e

1 Patrícia Lino reconhece a influência de Adília Lopes em sua poesia. Ao lermos os poemas de Lino, podemos traçar várias aproximações entre as poéticas de ambas, a começar pelo constante jogo com as palavras, pela incisiva dicção irônica e pelos diversos níveis intertextuais, principalmente de teor paródico.

2 Nas últimas obras de Adília Lopes, principalmente em *Manhã* (2015), *Bandolim* (2016), *Estar em casa* (2018), *Dias e Dias* (2020) e *Pardais* (2022), é constate o jogo de palavras e as apropriações de textos da tradição utilizados nos poemas, muitas das vezes, em forma de trocadilhos.

sociais. Isso faz com que o texto poético dê visibilidade às vozes e às identidades que foram marginalizadas por identidades eurocêntricas e machistas. O “canto paralelo” proposto pela jovem poeta portuguesa radicada nos EUA

não se trata de uma questão de imitação nostálgica de modelos passados: é uma confrontação estilística, uma recodificação moderna que estabelece a diferença no coração da semelhança. Não há integração num novo contexto que possa evitar a alteração do sentido e talvez, até do valor (HUTCHEON, 1985, p. 19).

Lino, baseada nas reflexões de Hutcheon³, possibilita que seus leitores confrontem estilos e, por meio da codificação de pensamentos e de lugares de fala, recodifiquem e repensem como foram construídos e reconstruídos certos discursos que desconsideravam diversas questões sociais. A nosso ver, o *Kit* propõe repensar socialmente diversos lugares de fala, sobretudo relacionados ao lugar das mulheres, dos negros, dos homossexuais, dos transexuais, dos não binários, dentre outros, bem como da sua própria condição como uma poeta portuguesa que produz literatura fora de Portugal⁴. Nessa obra em específico, por articular diferentes esferas sociais e por se apropriar de discursos e pensamentos historicamente cristalizados, é possível desenvolver leituras diversas, ao passo que o texto movimenta tex-

³No ensaio “Contra a anestesia, a gargalhada corrosiva: sobre o processo de escrita *d’O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial*” (2021), publicado na Revista *Texto Poético*, Lino apresenta os processos de elaboração de seu objeto-livro e afirma que a paródia é uma noção fundamental para ler e apreender os jogos de codificação e decodificação que os objetos proporcionam.

⁴Radicada nos EUA, Patrícia Lino é Professora da Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Junto de sua constante produção poético-sonoro-visual, ela ministra aulas e desenvolve pesquisas relacionadas às questões identitárias afro-luso-brasileiras.

tualidades ao propor um outro canto sobre passado lusitano. Essa paródia de Lino promove

[...] na sua irónica ‘transcontextualização’ e inversão, repetição com diferença. Está implícita uma distanciação crítica entre o texto em fundo a ser parodiado e a nova obra que incorpora, distância geralmente assinalada pela ironia. Mas esta ironia tanto pode ser apenas bem humorada, como pode ser depreciativa; [...] O prazer da ironia na paródia não provém do humor em particular, mas do grau de empenhamento do leitor no ‘vai-vém’ intertextual. (HUTCHEON, 1985, p. 48).

Nas construções paródicas e intersemióticas de Patrícia Lino, são articulados diferentes códigos revisitados sobre o vasto mundo lusófono, ou melhor, são questionadas as ideologias arraigadas no imaginário dos portugueses sobre a soberania nacional frente às ex-colônias. Essa falsa supremacia lusitana que reverbera até os dias atuais nos diferentes lugares-comuns – atos de fala, histórias, saberes – torna-se o alvo das estratégias ridicularizadoras do *Kit*. A nosso ver, trata-se de uma escrita palimpséstica na qual se percebe, por meios de emendas, rasuras e reescritas a desconstrução de discursos que foram sustentados no imaginário dos portugueses ao longo dos séculos.

O tom comezinho proposital do antimanual é sugerido na forma como cada item é apresentado: sempre se traz a imagem/desenho/*meme* e descreve-se o que ele é e como deve ser usado. Essa perspectiva descritora se vale de signos recuperados, que foram destituídos da aura e dos sentidos que lhes foram atribuídos anteriormente. Tornam-se, por meio da nova roupagem e do novo “uso” banal, risíveis e, ao mesmo tempo, eclodem máximas que sustentavam a supremacia imperial. As criações resultam, então, em reescritas suplementares que descrevem bibelôs, utilidades do lar, bem como itens de-

corativos, instrumentos eróticos, eletroportáteis, libretos, bijuterias, ferramentas, além de “remendos” e de “discos riscados”. Não à toa, dois itens em específico são denominados como “Remendo imperial personalizado” e “Disco riscado lusitanístico”. A imagem referente ao objeto “remendo” é extremamente cômica e, ao mesmo tempo, revela a ironia corrosiva da poeta que denuncia a lógica por traz da vã cobiça imperialista no uso desse remendo de tecido. Visto como um “trapo” que pode ser costurado em qualquer vestimenta, o objeto, assim como o ideal colonial, serve para “tapar buracos” (LINO, 2022, p. 86). Esse item nada mais é do que uma espécie de etiqueta circular que traz, ao centro, a figura de um barquinho à vela semelhante aos desenhos infantis com um bordado que realça a frase “o império dos homens”. Logo, revela-se que o império é um lugar extremamente machista e que, portanto, esse item não deve ser usado por mulheres e nem por sujeitos não binários. Eis a descrição do objeto:

O que é remendo imperial personalizado

Fabricado especialmente para homens e perfeito para decorar a roupa, o REMENDO IMPERIAL PERSONALIZADO foi criado para servir um dos propósitos centrais da lógica colonial: tapar buracos.

Como usar o REMENDO IMPERIAL PERSONALIZADO

O REMENDO IMPERIAL PERSONALIZADO pode ser aplicado pela sua mulher, mãe ou irmã com o ferro de engomar, reminiscência do ferro de marcar, em qualquer parte da(s) sua(s) peça(s) de roupa.

Para rapazes e homens de todas as idades. (LINO, 2022, p. 86-87).

Assim como o “remendo imperial personalizado” denuncia o machismo imperialista por meio do riso irônico, o CR-ROM “riscado” revela a “clássica pedagogia da repetição” de máximas que perpetuam no imaginário de indivíduos que negam as atrocidades acomedidas aos indivíduos das ex-colônias. A escolha proposital do verbo

“achar” reverbera o escracho frente às versões históricas que foram ensinadas – sobretudo nas escolas primárias – e que se internalizaram na formação de muitos indivíduos. As seis faixas do disco riscado funcionam como uma antiterapia aos descendentes do império na contemporaneidade:

O que é DISCO RISCADO LUSITANÍSTICO

O DISCO RISCADO LUSITANÍSTICO (DRL) ou A HISTÓRIA COMO EU ACHO QUE ELA FOI é um clássico da pedagogia da repetição.

O DRL reforça a versão histórica do colonizador e assemelha-se a um exercício de mnemónica.

Reúne seis faixas imprescindíveis:

1. QUANDO PORTUGAL DESCOBRIU O MUNDO...
2. A GRANDEZA DO NOSSO PASSADO
3. O QUE FIZEMOS NÃO FOI ASSIM TÃO MAU!
4. A COLONIZAÇÃO ESPANHOLA FOI MUITO PIOR!
5. O FUTURO DO NOSSO IMPÉRIO CRISTALINO
6. BLAH, BLAH, BLAH

Como usar o DISCO RISCADO LUSITANÍSTICO

1. Reproduza o DRL no seu leitor CD-ROM.
2. Recoste-se para escutar as seis faixas mencionadas anteriormente.
3. Relaxe e aprenda.

Para todas as idades. (LINO, 2022, p. 76-77).

Junto do “Remendo imperial personalizado” e do “Disco riscado lusitanístico”, a primeira edição do *Kit* traz os seguintes objetos: “Frasquinho de mar português”; “Bola mapa-mundi”; “Engenhi-

nha”; “Notas sobre a grandeza de Portugal que não fazem sentido para mais ninguém a não ser para os portugueses”; “DescobriMENTOS”; “Cocas paradoxal”; “Naveca”; “Banquinho racial”; “Confortinho universal”; “Histórias de embalar e outros contos infantis”; “A indiferença do ocidente”; “Caravelas”; “Pioneiros”; “Elixir Revelação Divina”; “Fiel da balança”; “Narcísica”; “Poemário”; “Colônia”; “Museu para onde vão todas as coisas fascistas”; “Porta-gama”; “Salvador, o barquinho movido a balão”; “Race card”; “Bilhete para o tour Vocação Atlântica”; “Cavaqueira”; “Pulseira homoafetiva”; “Coitadinho”; “Manual da língua de Camões”; “Quem descobriu o mundo?”; “História docinha”; “Portugalidade”; “Dr. Frota”; “Caculusofónica”; “Saudomasoquismo”; “Amnésia selectiva”; “Sebastiana”; “Diploma de branquitude”; “Casinha portuguesa” e “Esterois do mar”. Já na segunda edição da obra, foram acrescentados 5 novos objetos. São eles: “Espingarda de cânone cerrado”; “Grande manual das definições de António Costa”; “Borrachinha”; “HASHTAG #ESTÁAQUIUMAMULHER” e “Colonialismo do anticolonialismo”. Os cinco novos objetos que foram adicionados ao *Kit* são extremamente críticos no que se refere às questões de identidade de gênero, sobretudo ao lugar de fala feminino e sobre a recepção das novas vozes femininas na poesia portuguesa recente. Um ano após a publicação da 1ª. edição de sua obra, Lino deparou-se com algumas críticas conservadoras que não “apreciaram” sua obra. Na verdade, são críticos tradicionais que não reconhecem novas formas de representação vinculadas ao hibridismo e à inespecificidade que rege grande parte da literatura e estética contemporâneas. A esse respeito, em 29 de agosto de 2021, a poeta recebeu uma avaliação negativa de um crítico de linha conservadora. Esse comentário foi postado em um *site* da internet, mais precisamente no *Goodreads* e, a partir desse mesmo comentário, a poeta o recodificou ironicamente e criou um novo objeto. Eis a transcrição do comentário que serviu como hipotexto:

Uma certa correte do dito pensamento contemporâneo quer transformar a literatura em campo de batalha ideológico, esquecendo-se que a literatura sempre foi palco para a encenação da humanidade e das suas lutas. Ignorando os ensinamentos que nos foram legados, aplicam nestas obras atuais uma piedadezinha indolente e rasa, como se o objetivo fosse parecer aquilo a que os ingleses chamam ‘woke’. De literatura, há pouco. Serve como manifesto de um certo intervencionismo de sofá, e o resultado é no mínimo confrangedor para o leitor que procura algo mais do que os panegíricos de uma sociedade ‘engajada’ mas que vive para o próprio umbigo. Fraco. (LINO, 2022, p. 79).

Desse comentário, extrai-se a ideia pedante de que existe apenas uma forma de se pensar e de se fazer literatura e, o que seria mais grave, de que essa mesma arte está desassociada da vivência social. A ideologia purista e pouco conhecedora das perspectivas estéticas que compõem as artes e a literatura contemporânea revela-se por meio de uma voz preconceituosa, ao criar uma analogia do trabalho intelectual da poeta a um “intervencionismo de sofá”. O *Kit*, segundo essa visão reducionista, só poderia constranger os leitores “sérios”. Por sua vez, Patrícia Lino, em resposta à provocação, apresentou o objeto “Grande manual das definições de António Costa”. Essa nova criação intermídia é direcionada aos “leitores sérios” e “investidos no debate de assuntos elevados e transcendententes”. Patrícia Lino ressalta, ainda, que esse “grande manual” jamais deve ser lido no sofá. O riso crítico e sarcástico denuncia uma certa seara de críticos tidos como inigualáveis e que julgam o que seria a boa ou a má literatura. Contra esse pensamento limitado, a poeta nos oferece o tal “grande” manual:

O que é o GRANDE MANUAL DAS DEFINIÇÕES DE ANTÓNIO COSTA

A leitura do GRANDE MANUAL DAS DEFINIÇÕES DE ANTÓNIO COSTA é de suma importância para a esclarecimento das matérias que dominam, desde o início dos tempos, a essência de certas peijas intelectuais. Distingue-se, ao contrário da imprecisão epistemológica de outros volumes, por reunir as definições de um número considerável de objetos nunca antes definidos e pela autoridade irrestrita com que o autor, ANTÓNIO COSTA, o faz ao longo de 100 curtas, porém memoráveis, laudas.

O GRANDE MANUAL DAS DEFINIÇÕES DE ANTÓNIO COSTA destina-se a leitores sérios e experientes, avessos à gargalhada e investidos no debate de assuntos elevados e transcendentais.

GRANDE MANUAL DAS DEFINIÇÕES DE ANTÓNIO COSTA é apolítico.

Como usar o GRANDE MANUAL DAS DEFINIÇÕES DE ANTÓNIO COSTA

1. A semelhança do que acontecia com os volumes lidos pelos predecessores dos sábios de hoje, o GRANDE MANUAL DAS DEFINIÇÕES DE ANTÓNIO COSTA deverá ser estudado, com empenho e rigor destemidos, em cadeiras desconfortáveis.
2. Nunca no sofá.
3. Poderá ler o GRANDE MANUAL DAS DEFINIÇÕES DE ANTÓNIO COSTA sozinho ou acompanhado.
4. Releia até memorizar as definições.
5. Sugira o primeiro e último livro de ANTÓNIO COSTA a seus amigos, conhecidos ou, se for o caso, estudantes.

Para todas as idades a partir dos 6 anos. (LINO, 2022, p. 82-83).

A ácida ironia da poeta se instaura por meio da apropriação das próprias palavras do comentário: ou seja, recodifica-se o código por meio do jogo paródico que rechaça e expõe a noção de poder inerente às diferentes práticas discursivas. A ridicularização na forma de retratar o “grande manual”, que só aborda assuntos “transcendentes”, leva o leitor à autorreflexão sobre a natureza híbrida do *Kit* que ele tem em mãos. Vale ressaltar também que todos esses objetos, antes mesmo de comporem o antimanual, foram performatizados oralmente pela poeta em diferentes países. Nessas encenações, a Patrícia Lino altera o tom de voz ao apresentar o objeto escolhido que, imediatamente, provoca o riso nos expectadores. Isso porque os alvos da cultura e da história portuguesa circunscritos nos itens do *Kit* não são apresentados a partir do ponto de vista do colonizador, mas do colonizado. Em alguns casos, certos objetos assumem a função de dependentes químicos – comparados à nicotina – como é o caso do “Frasquinho de Mar Português”:

O que é o FRASQUINHO DE MAR PORTUGUÊS

O FRASQUINHO DE MAR PORTUGUÊS é uma das práticas mais da Terapia de Reposição de Maresia (TRM), que restitui ao corpo a substância responsável pela dependência da interpretação colonial e eurocêntrica do mar, do embelezamento do processo de colonização portuguesa e de quaisquer outras teorias, crenças ou práticas coloniais.

Em termos legais, o FRASQUINHO DE MAR PORTUGUÊS funciona como a pastilha de nicotina.

Como usar o FRASQUINHO DE MAR PORTUGUÊS

1. Feche as mãos e inale tranquilamente pelo nariz o cheiro
2. Forte e característico do mar, contando até quatro.
3. Segure a respiração até sete.

4. Exale completamente pela boca. Ao exalar, faça um ou mais sons sibilantes {s, c, ç, x e z}, como os que se encontram nas palavras imposição, sacrifício, massificação, cinismo, cobiça, execução ou zombaria. Conte, mais tarde, até oito.
5. Essa foi a primeira das cinco respirações. Inale novamente e repita o ciclo três vezes.

Não se esqueça que é imprescindível ter acompanhamento médico para iniciar o tratamento. Deste modo, você garante o bem-estar, a qualidade de vida e a saúde de toda a sua família. (LINO, 2022, p. 10-11).

Esse e os outros objetos, uma vez associados aos poemas-piada, desautorizam o falso poder que fora atribuído aos colonizadores. A proposital ridicularização das fontes retomadas circunscreve rasuras por meio da confrontação estilística paródica. O humor inerente às estratégias paródicas promove a teatralidade das “conquistas”, tornando-as puro *nonsense*. A esse respeito, Lino desconstrói a própria noção de “colônia” que, no livro, torna-se um jogo coletivo que “destrói as melhores amizades”:

O que é Colônia

A colônia é a versão colonial portuguesa do Monopólio. Capaz de destruir as melhores amizades e ser efetivamente a origem das brigas acesas entre os participantes, a COLÔNIA continua a ser jogada por milhões de pessoas em Portugal e outros lugares.

O objetivo do jogo consiste em reconstruir o império geográfico, religioso e espiritual português e evitar a perda dos territórios. Ao contrário do Monopólio, não há perdedores.

A COLÔNIA é um jogo de vencedores.

A duração do jogo depende inteiramente do grau da dedicação dos participantes.

Como jogar a COLÓNIA

1. Estabeleça a ordem das jogadas dos participantes a partir do sentido dos ponteiros do relógio.
2. Ao contrário do Monopólio, a COLÓNIA não inclui dados. Cada participante decide quantos territórios pretende avançar.
3. Depois de avançar x territórios e parar num território à sua escolha, o jogador deve gritar bem alto:

É MEU!

4. O jogo termina quando todos os territórios estiverem sob o domínio dos participantes.

Para todas as idades a partir dos 5 anos. (LINO, 2022, p. 110-111).

O objeto “Colónia”, por meio do jogo paródico, agrega práticas de insubordinação, de insatisfação, de inquietação e de independência com os sentidos cristalizados do passado. Logo, esse e outros objetos levam os leitores a lerem com outros olhos e a se desvencilharem das auras e dos pedestais que foram postos os colonizadores. Todos os itens promovem novos acontecimentos discursivos e, uma vez relacionados à expansão da escrita poética, trazem “mensagens sem mensageiros”. Pela intensa prática apropriativa que esmaece os sentidos “originais”, a recodificação paródica estruturante dos objetos desmistifica mentalidades por meio de uma outra posição literária, mesmo que essa posição seja por meio de uma “arma de fogo”, tal como Lino nos oferece a “espingarda de cânone cerrado”:

O que é a ESPINGARDA DE CÂNONE CERRADO

A ESPINGARDA DE CÂNONE CERRADO é uma arma de fogo portátil que desautoriza novas leituras das grandes obras ou au-

tores canônicos portugueses, especialmente aquelas feitas por membros das comunidades das ex-colônias, estrangeiros ou certos portugueses a viver fora da excelsa pátria. Esses três, que sem fundamento ou o domínio dos estudos literários, parecem não querer identificar-se com o tratamento social do gênero, da raça, do regalo heteronormativo e do sentimento patriótico das notáveis composições da eloquente terra lusa, pecam por, em primeiro lugar, descontextualizar historicamente o texto e impor valores do presente no nosso tão vigoroso passado. Desconsideram, igualmente, a qualidade incontestável da nossa voluminosa literatura que, como uma virgem imaculada, continua resplandecendo a potência da valorosa nação portuguesa nos sete cantos dos mundos velho e novo.

Como usar a ESPINGARDA DE CÂNONE CERRADO

1. Ao contrário do que acontece com outras armas, você não precisará de licença nem treino prévio para adquirir, portar e manejar a ESPINGARDA DE CÂNONE CERRADO.
2. O uso assíduo da ESPINGARDA DE CÂNONE CERRADO fortalece a prática de uma relação indiscernibilidade pindérica entre orgulho nacional e obra literária.
3. O bom emprego da ESPINGARDA DE CÂNONE CERRADO tampouco requer domínio da(s) obra(s) ou autor(es) em discussão.
4. Ignore que a repetição contínua de determinados valores e interpretações modela coletivamente uma visão exclusiva do mundo que, coincidentemente, corresponde à sua e à dos seus.
5. Saque da ESPINGARDA DE CÂNONE CERRADO quando sentir que você e o portentoso cânone luso são os alvos da perseguição e inquisição da entidade institucional pós-moderna do POLITICAMENTE CORRETO.
6. A combinação indivisível dos termos CONTEXTUALIZAÇÃO e HISTÓRICA revelar-se-á, durante o manuseamento da ESPINGARDA, fundamental. Repita-a quantas vezes forem ne-

cessárias apostando na seguinte contradição: jamais deverá, em situação alguma, contextualizar a(s) leitura(s), experiência(s), ou ponto(s) de vista(s) do(s) feroz(es) inimigo(s) das mais preciosas relíquias literárias portuguesas.

7. Num tom algo desinteressado, descarregue sobre os seus amigos e adversários a seguinte tática de autocomiseração. Ao preencher o espaço vazio do comentário (agora também é tudo x) com as acusações que mais atemorizam, faça por variar o tipo de denúncia (*e.g.*, *racista*, *machista*, *homofóbico*) conforme o fervor do combate argumentativo. Insista sequencialmente na variação até que o amigo anua e repita, eventualmente em coro, a expressão variável e o adversário alce, por desespero ou aborrecimento, num gesto de irreversível derrota, a bandeirinha branca.
8. Sem pestanejar e pelo bem da nação, dispare, a torto e a direito, tão apaixonada quanto desordenadamente, a ESPINGARDA DE CÂNONE CERRADO.

Para todas as idades. (LINO, 2022, p. 40-42, grifos da autora)

Por fim, Patrícia Lino, ao integrar imagem/figuras/*memes* aos poemas paródicos, apresenta novas práticas discursivas alternativas que rasuram ou, pelo menos, possibilitam-nos refletir sobre as formações discursivas sobre o passado dos “barões assinalados”, ressignificando-os por meio da partilha das diferenças que compõem as várias identidades contemporâneas.

RECEBIDO: 24/05/2023 APROVADO: 29/05/2023

REFERÊNCIAS

GARRAMUÑO, Florencia. *Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte no século XX*. Tradução Tereza Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1985.

LINO, Patrícia. Contra a anestesia, a gargalhada corrosiva: sobre o processo de escrita d'*O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial*. *Texto Poético*, n. 17, v. 32, p. 225-247, jan./abr. 2021.

LINO, Patrícia. *O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial*. 1. Ed. Juiz de Fora: Edições Macondo, 2020.

LINO, Patrícia. *O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial*. 2. Ed. Juiz de Fora: Edições Macondo, 2022.

LOPES, Adília. *Bandolim*. Porto: Assírio & Alvim, 2016.

LOPES, Adília. *Dias e dias*. Porto: Assírio & Alvim, 2020.

LOPES, Adília. *Estar em casa*. Porto: Assírio & Alvim, 2018.

LOPES, Adília. *Manhã*. Porto: Assírio & Alvim, 2015.

LOPES, Adília. *Pardais*. Porto: Assírio & Alvim, 2022.

MINICURRÍCULO

PAULO ALBERTO SILVA SALES é docente do Instituto Federal Goiano e do PPG em Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás. Desenvolveu estágio pós-doutoral (2021-2023) no PPG em Estudos de Literatura da UFF, sob supervisão de Ida Alves e de Celia Pedrosa. Investiga aspectos da poesia portuguesa e brasileira contemporâneas, com ênfase em poéticas do século XXI, bem como se detém em investigar elementos da ficção luso-brasileira contemporânea.